

EDITORIAL

Educação de Qualidade: A Equação Contra a Crise

Em mundo imerso em informações, no qual o conhecimento serve como fonte de poder, é natural que o indivíduo, mesmo nas camadas de menor poder aquisitivo, busque o melhor nível de formação possível, pois só assim é capaz de se inserir num mercado de trabalho competitivo. Desde a primeira infância, quando, óbvio, os pais tomam a decisão acerca da escola em que os filhos deverão estudar até a pós-graduação, o desejo do “consumidor do saber” é um só: o melhor serviço, que propicie aprendizado.

Com base nessa premissa, entende-se que é condição imprescindível a qualquer instituição de ensino a garantia da qualidade no fornecimento de um bem tão intangível – ao menos aparentemente – quanto o conhecimento. Quando a referida instituição é um ente privado, há um agravante: fechar a equação lucratividade e serviço eficiente, que proporcione o resultado esperado por um público a cada dia melhor informado, consciente dos seus direitos, que se comunica entre si pelas redes sociais.

É o momento de praticar – mais do que nunca – uma matemática diferente da que habitualmente é aplicada por companhias privadas convencionais, ou seja, as que buscam exclusivamente dividendos através da maximização de lucros, muitas vezes em detrimento de um desempenho satisfatório para os seus clientes. Essa nova matemática deverá deixar muito claro para as instituições de ensino, que antes de serem corporações, elas são de utilidade pública, devem, portanto, prover a sociedade com o que há de melhor em termos de recursos humanos.

O lucro torna-se, dessa forma, uma recompensa pela excelência na formação de indivíduos qualificados não apenas dentro de uma lógica tecnicista, mas sim, na plenitude da cidadania, com a capacidade de tornar o mundo um lugar melhor, mais

equilibrado e com oportunidades menos desiguais. Ah, mas o capitalismo é por vezes imediatista, pensar em processo de gerações pode desmotivar a “turma” com recursos para investir..

Ledo engano. Pode minar as forças dos que ainda não atentaram para o início da nossa discussão: o desejo do próprio indivíduo que paga para aprender, por novos mecanismos de aprendizado, a sua sede por fazer a diferença e destacar-se por isso. O desejo enfim, pelo serviço educacional que prepare a ele ou a seu filho para a imersão total na sociedade do conhecimento – a era em que o planeta está mergulhado.

Lucro? Claro, a Terra é capitalista, as despesas são concretas, e não fantasia, mas assim também é o desejo pelo aprendizado no século XXI: concreto – urgente – arrebatador! Lucro, resultados e cifras fazem o nosso planeta girar e são responsáveis pela sobrevivência das instituições e seus profissionais, ele é natural, salutar até – mesmo que um produto secundário, fruto natural de algo maior: o legado que a educação deixa para os nossos filhos e gerações futuras.

Pedro Paulo Procópio

Doutor em Comunicação – UFPE.

Docente e Coordenador de Pesquisa e Extensão, além de editor do Caderno de Graduação - Humanas Sociais da FACIPE.